

## Plataformas

# Petrobrás aproveita surtos de Covid-19 para empurrar “goela abaixo” nova escala de trabalho

A gestão da Petrobrás tem seguido direitinho o exemplo do governo de Jair Bolsonaro e está tentando “passar a boiada” nos trabalhadores offshore. Os gestores querem aproveitar os sucessivos surtos de Covid-19, que andam ocorrendo nas plataformas e que eles cismam em negligenciar, para empurrar goela abaixo dos embarcados uma nova escola de trabalho.

Ocorreram duas reuniões entre os representantes da empresa e dos trabalhadores para debater essa nova investida e problemas referentes às plataformas. O que os representantes dos trabalhadores se depararam foi com a “boa e velha” intransigência patronal e a negativa total em manter qualquer tipo de negociação. A gerência da UN-BS quer que a força de trabalho aceite fazer 21/28/21/35 com o objetivo de diminuir o número de voos, o número de tripulantes nas aeronaves e o POB a bordo das unidades. Entretanto, atualmente o contingente já foi restabelecido ao período pré-pandemia, ou seja, os limites do POB continuam iguais. Diante disso, foi questionada a eficácia desse aumento na escala.

A mudança também vai ser feita sem o menor planejam-



to porque, até o momento, não existem medidas que garantam a saúde e a segurança dos trabalhadores. A nova escala, como ocorreu anteriormente, irá agravar as condições de saturação física e mental comuns ao trabalho offshore. Para piorar o cenário, que já é ruim, a preocupação com a saúde da força de trabalho é seletiva já que a escala não seria estendida na proporção 1/1,5 para os petroleiros terceirizados.

Durante as reuniões as entidades representativas reivindicaram diversas medidas para ajudar na contenção da disseminação do coronavírus nas plataformas, mas a empresa só se importou em discutir a jornada de trabalho dos embarcados.

O silêncio e a omissão são as mesmas condutas adotadas que se tornaram regra entre os

gestores da Petrobrás que cismam em não negociar as pendências das plataformas e também não fazem nada de efetivo para combater a propagação do coronavírus nas unidades de terra e de mar. O negócio é “fechar os olhos” e manter seu lucro na produção mesmo que isso implique em perder o controle sobre a saúde e segurança dos trabalhadores.

A força de trabalho já deixou bem claro que não vai aceitar essa proposta de embarque nas setoriais, realizadas com os representantes do Sindipetro-LP, ratificaram que irão cruzar os braços para que isso não aconteça.

A gestão da Petrobrás tem tentando de todas as maneiras prejudicar os trabalhadores embarcados usando como desculpa a pandemia, mas a verdade

é que o único objetivo é lucrar mesmo que isso significa submeter os petroleiros a escalas de trabalho extenuantes e altos índices de contaminação. Desde que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia que o Sindipetro tem tentado melhorar as condições da categoria do Litoral Paulista. Os petroleiros e petroleiras das plataformas são os que mais têm sofrido já que uma política tardia de testes foi implementada e o descaso reina nas gerências das unidades de mar. Prova disso é o novo surto de Covid-19 na plataforma de Mexilhão e P-67 fruto do aumento desenfreado do POB graças a uma parada de manutenção que poderia ter sido adiada.

Se a ideia é proteger a força de trabalho porque não reduzir o POB das unidades e colocar os cargos administrativos e as lideranças para trabalhar em sistema de teletrabalho? A preocupação é seletiva e prima pelo contrassenso porque até o momento apenas um profissional de saúde fica disponível para atender todos os embarcados. A realidade é que preservar a vida da força de trabalho não está em pauta, mas sim produzir cada dia mais.



**Baixe o aplicativo Sindipetro LP e fique por dentro do que acontece no Sindicato! Aponte a câmera do seu celular para o QR CODE e instale já!**



Android



IOS

# Contaminação por Covid-19 transforma P-66 em barril de pólvora prestes a explodir

O descaso dos gestores da UN-BS frente a prevenção e propagação do coronavírus nas plataformas já virou caso de calamidade. As novas vítimas dessa conduta negacionista são os trabalhadores da P-66.

A unidade está à beira de um surto de Covid-19 e tem contado com a própria sorte para lidar com a situação. No dia 06 de abril, um operador desembarcou com sintomas da doença. Logo em seguida fez o RT-PCR que atestou a contaminação. Isso entre aspas seria o padrão, se caso, a empresa tivesse seguido todos os protocolos o que, na prática, a realidade é outra. O petroleiro estava embarcado há cinco dias e colocaram no relatório como se não tivesse embarcado. O que, trocando em miúdos, a empresa quis dizer que ele não ficou doente enquanto trabalhava, mas sim em dia de folga. Se isso não é negar a propagação da doença

na embarcação não sabemos o que é!

O que gostaríamos de saber é como os gestores da unidade não vão conseguir manter essa “conversa” já que um dos trabalhadores que teve contato com o petroleiro infectado também testou positivo. Se continuar nessa toada, para a Petrobrás, todos os tripulantes contaminados estavam todos de folga e a unidade operou sozinha. Ontem (06) mesmo mais quatro petroleiros também apresentaram sintomas.

A coisa não para por aí! Em um final de semana um bote desceu para fazer testes. A embarcação apresentou problemas e ficou à deriva. O incidente aconteceu às 11h e graças a um barco pesqueiro os tripulantes foram resgatados somente às 16h. Um dos trabalhadores que estavam no bote testou positivo. Depois disso, mesmo com o resultado todos ficaram confinados, apenas um dia, em um camarote e volta-

ram para a área.

Uma técnica química embarcou sem fazer o monitoramento da Covid-19. A tarefa foi sendo feita a bordo como se isso fosse padrão. Os petroleiros da P-66 que tiveram contato com todas essas pessoas estão com medo de ter contraído a doença. A situação é alarmante e poderia ser resolvida se não houvesse tanta omissão.

Diante desse panorama de terror ficam alguns questionamentos: será a UN-BS vai deixar que a P-66 entre em lockdown como a Plataforma de Mexilhão e a P-67? Serão tomadas medidas protetivas propostas pelos sindicatos em conjunto com os trabalhadores? A empresa continuará mantendo o foco apenas no lucro?

Como diz o ditado popular “não há nada tão ruim que não possa piorar”. No caso da P-66 isso pode ser visto na prática. Além de querer “enfiar goela abaixo” da força de trabalho a jornada de 21 dias, que não

vai resolver os problemas de infecção, a Petrobrás pretende anexar à P-66, ainda este mês, um flotel — Unidade de Manutenção e Segurança (UMS) — que no mínimo duplicaria o quantitativo de trabalhadores circulando a bordo e com isso, aumentando a possibilidade de surtos de Covid-19.

A realidade é que a Petrobrás está fazendo de tudo para não parar a produção da plataforma. A situação é gravíssima já que com tantos trabalhadores doentes a produção da P-66 não foi reduzida. O Sindipetro-LP, apesar de não ter sido notificado, está acompanhando o caso de perto e exige que a Petrobrás emita a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) já que os trabalhadores foram contaminados no exercício da profissão.

O Sindicato orienta que os trabalhadores procurem seus diretores de base e liberados para abertura da referida CAT, caso a empresa não faça isso.

## P-67

# Gestores da UN-BS adotam política negacionista diante de surto de Covid-19

Mais um caso de negligência assola uma das plataformas abrangidas pelo Sindicato dos Petroleiros do Litoral Paulista. Dessa vez, os trabalhadores da P-67, localizada na Bacia de Santos, estão tendo que lidar com a política genocida e negacionista dos gestores da Petrobrás que cismam em repetir o “beabá” da cartilha do governo Bolsonaro - o lucro acima da vida.

Segundo relatos recebidos pelos diretores do Sindipetro-LP a quantidade de infectados por Covid-19 é tão alta que o hotel que hospede-

da os trabalhadores sintomáticos ganhou o apelido de “covidário”. Entre o final do mês de março e começo do mês de abril foram contabilizados 35 trabalhadores desembarcados por apresentar sintomas da doença. Além disso, cerca de 15 testaram positivo. O quadro é assustador e a força de trabalho está em pânico. A situação é tão grave que no final de semana passado foi decretado o segundo lockdown na plataforma.

Diante disso, a diretoria do Sindicato cobrou do Gerente de

Relação com Sistema, Governo e Entidades Externas, Fabricio Pereira Gomes, um posicionamento frente a situação e eles negaram que houvesse surto na unidade e que estão seguindo os protocolos, mas na prática os trabalhadores continuam sendo contaminados. Prova disso, é que os embarques e desembarques permanecem inalterados e a produção da planta e POB também foram mantidos. Essa é uma prova clara da omissão desses gestores.

Um verdadeiro crime contra a

vida humana em nome de um lucro desenfreado. O Sindipetro está acompanhando o caso de perto e buscando orientar a força de trabalho da melhor forma possível.

A responsabilidade pela vida desses trabalhadores é da Petrobrás, que ao ignorar as recomendações de manter apenas os serviços essenciais, negligenciar nas medidas de segurança também dos trabalhadores terceirizados e não ser rigorosa nas testagens dos trabalhadores embarcados, expõe todos os seus empregados.